

Fernando Pessoa em Espanha – uma visão panorâmica

ANTONIO SÁEZ DELGADO

Universidade de Évora – Centro de Estudos Comparatistas

Lentamente, a receção da obra de Fernando Pessoa em Espanha vai deixando de ser um enigma para se transformar num território com balizas bem definidas, apesar de existirem ainda alguns aspetos quase totalmente inexplorados. É impossível, neste sentido, tentar desenhar uma visão panorâmica da receção pessoana em Espanha sem fazer, em termos superficiais, uma brevíssima história das traduções da obra do autor dos heterónimos no mencionado espaço, uma vez que ambos os aspetos – receção e traduções – são vasos comunicantes que se alimentam do mesmo fluido¹. Se na primeira metade do século XX a poesia portuguesa em Espanha teve dois nomes principais (Eugénio de Castro e Teixeira de Pascoaes), tanto do ponto de vista da tradução como da receção, entendida em termos mais latos, a segunda metade do século tem outros dois autores privilegiados, Fernando Pessoa e Eugénio de Andrade, apesar da importante diferença que ocupam um e outro no «espaço de receção» no âmbito do polissistema literário espanhol.

Se em outros trabalhos (SÁEZ DELGADO 2000; 2002; 2011) tentei reconstruir, tanto quanto possível, a receção e os vínculos estabelecidos entre Pessoa e Espanha durante os anos de vida do autor, através das linhas essenciais que nos permitem demarcar, sobretudo, as suas primeiras aparições em contexto espanhol, é certo, não obstante, que a receção do poeta a partir da guerra civil permanece como um território para cuja exploração cabal há ainda muitas páginas por escrever. Apesar de conhecermos de modo aceitável a presença pessoana em Espanha até à data da morte do poeta, e apesar de existirem valiosas perspetivas (CERDÀ SUBIRACHS 2005: 53-66; ALONSO ROMO 2007: 171-202) sobre a marca que imprimiu no pós-guerra espanhol e até finais dos anos cinquenta, consideramos necessário reu-

¹ Uma rápida e nítida descrição das traduções de Pessoa em Espanha deve-se a Perfecto E. Cuadrado, no verbete correspondente ao escritor, em Francisco Lafarga e Luís Peganaute (2009: 887-890).

nir os dados suficientes para conseguir delinear a receção pessoana a partir das primeiras notícias que aparecem em Espanha sobre o escritor – motivadas pela ressaca dos seus conhecidos textos de 1912 na revista *A Águia* e pela publicação de *Orpheu*, em 1915 – até, pelo menos, finais do século XX. Um trabalho desta natureza transforma-se, sem dúvida, num contínuo *work in progress*, sem final possível e de delicada exaustividade, mas consentirá futuramente o acesso a uma leitura linear e ao mesmo tempo *histórica* da presença do poeta da *Mensagem* entre os escritores e os leitores espanhóis.

A partir das suas primeiras aparições no meio literário espanhol, no tempo do *Orpheu*, e até à atualidade, a paisagem que revela a presença de Pessoa em Espanha parece instável, com diferentes momentos em que a receção do poeta sofreu diversa fortuna, marcada profundamente pelas traduções realizadas. Neste sentido, não nos parece demasiado aventurado conjecturar três fases principais na receção do poeta em Espanha:

- Receção em vida do autor, até 1935, marcada pelos seus primeiros contactos com escritores espanhóis;
- Receção no pós-guerra espanhol e boa parte da época franquista, entre 1936 e 1961, época em que se publicam os primeiros conjuntos de poemas e os primeiros ensaios críticos sobre a sua obra;
- Receção entre 1962 e a atualidade, marcada pela antologia que publica Octavio Paz em 1962 e pelo consequente estabelecimento definitivo da sua obra, incluindo o *boom* Pessoa dos anos oitenta e noventa.

Falamos, sem dúvida, de períodos completamente diferentes não só pelos condicionantes internos à história da literatura espanhola, mas, ao mesmo tempo, porque a receção do poeta em Espanha está diretamente condicionada – como não poderia deixar de ser – pela receção que a própria literatura portuguesa realizava da sua poesia e da figura do seu autor, com o papel fundamental que, nessa linha, adquire a geração da *presença* e as leituras posteriores de Pessoa. Apesar dos numerosos paradoxos deste percurso, é justo reconhecer que, com os inevitáveis saltos e com diferentes interpretações, Pessoa é uma presença que podemos rastrear, com maior ou menor dificuldade, em quase todo o século XX espanhol, apesar de se não terem consumados os grandes «encontros geracionais» que poderíamos desejar (entre Pessoa e Unamuno ou os poetas espanhóis da geração de 27, sobretudo), os quais não passaram de pontuais e tímidas aproximações, como teremos a ocasião de verificar ao rever, embora superficialmente, alguns dos episódios mais importantes dos três períodos referidos.

Receção em vida de Pessoa, até 1935

A revista *Orpheu* não passou inteiramente despercebida em Espanha. Como sabemos (MOLINA 1990; PIZARRO 2010), alguns meios de comunicação galegos fizeram notícia da sua publicação, e a revista chegou às mãos de Miguel de Unamuno, que recebeu uma conhecida carta cujo remetente era Fernando Pessoa (MARCOS DE DIOS 1978). No entanto, Unamuno estava em maior sintonia com os seus amigos Eugénio de Castro e Teixeira de Pascoaes e não se converteu no elo de ligação necessário para Sá-Carneiro e Pessoa no seu plano de divulgação das suas obras em Espanha, enquanto eixo de um triângulo internacional em que também apareciam – a par de Madrid – as cidades de Londres e do Rio de Janeiro como «os três pontos exteriores desta propaganda», segundo palavras do próprio autor dos heterónimos (PESSOA 1993: 314).

Pouco tempo mais tarde, em 1917, encontramos o nome do escritor, ainda como crítico literário vinculado ao Saudosismo, num artigo publicado por Andrés González-Blanco (1917) – um dos escritores espanhóis que mais e melhores páginas consagrou à literatura portuguesa da época, como crítico e como tradutor –, e, agora em 1918, de novo encontramos Pessoa, desta vez como «Fernando de Pessoa», numa lista de escritores «frenéticos de inspiración» elaborada por Ramón Gómez de la Serna, em *Pombo* (GÓMEZ DE LA SERNA 1918). Este transformar-se-ia no vínculo imprescindível entre Pessoa e o único escritor espanhol que com ele tratou pessoalmente com alguma amplitude, o poeta Adriano del Valle, que conheceu Pessoa no verão de 1923 e com ele trocou duas dezenas de cartas nesse ano e no seguinte, numa correspondência da qual participaram igualmente Rogelio Buendía e Isaac del Vando-Villar, também eles, como Adriano, poetas andaluzes e partícipes do espírito do movimento ultraísta.

Foi graças à intervenção destes poetas, cujo nome não faz hoje parte do cânone da literatura espanhola, que apareceu a primeira tradução de Fernando Pessoa em Espanha, a única dos seus poemas que conheceu em vida. Rogelio Buendía traduziu e publicou no jornal de Huelva *La Provincia* de 11 de setembro de 1923 alguns trechos dos poemas ingleses conhecidos como *Inscriptions* (SÁEZ DELGADO 1999: 2-3), ao passo que, uma semana mais tarde, no dia 18, será Adriano del Valle a traduzir e publicar no jornal de Sevilha *La Unión* um amplo fragmento de uma carta em que Pessoa comentava *La rueda de color*, livro de poemas de Buendía enviado pelo próprio.

Nesse mesmo ano, a revista galega *Nós* elogia as colaborações de Pessoa na *Contemporânea*, autêntico centro dos contactos entre escritores espanhóis e portugueses, preâmbulo de um breve período de interregno até à publicação, em 1927, de *La Gaceta Literaria*, dirigida em Madrid por Giménez Caballero (que

citará nas suas páginas o nome de Pessoa, como também o farão, na mesma publicação, em textos publicados em 1929 e 1930, João Gaspar Simões e José Régio, respetivamente) e cujas complicadas relações com a *presença* são bem conhecidas (LOURENÇO 2005). No entanto, apesar dessas referências, a presença de Pessoa é pouco mais do que uma sombra na revista espanhola mais próxima à geração de 27, que concede muito mais páginas e atenção a outras propostas estéticas.

Em 1928, Gabriel García Maroto coordena o *Almanaque de las Artes y las Letras*, uma coletânea em que a marca de Almada Negreiros, que na altura vivia em Madrid, é bem palpável, e onde aparece o poema «Pierrot bêbabo» de Fernando Pessoa, cuja publicação originária ocorrera na *Portugal Futurista* (1917). Trata-se da segunda aparição poética do autor em Espanha (apesar de o poema aparecer na língua original, o português) e da última em vida, uma vez que até 1935, data da sua morte e altura em que a célebre *Enciclopedia Espasa* refere o seu nome como mestre da geração da *presença* (*Enciclopedia Espasa-Calpe* 1935: 921), não encontramos mais textos pessoanos em Espanha.

Dos três «momentos geracionais» atravessados pelo tempo de vida de Pessoa na literatura espanhola (o Modernismo e a geração de 98; a Vanguarda histórica, com o Ultraísmo; e a geração de 27), curiosamente, foi o menos brilhante – o segundo – o único que se ocupou, embora de um modo tímido e atribuindo-lhe um caráter apesar de tudo periférico, da poesia de Pessoa, pois tanto o grande patrocinador dos contactos entre ambas as literaturas, Unamuno, como os poetas reunidos em 1927 em torno do centenário de Góngora não prestaram muita atenção à obra pessoana, ou fá-lo-iam apenas, como nos casos de Jorge Guillén e Gerardo Diego, bastante tempo volvido, quando o nome do poeta se convertera já numa referência incontornável na literatura portuguesa.

São bem diversas as razões que para tal contribuem: enquanto Unamuno foi um observador atento da literatura portuguesa que não se interessou esteticamente, no entanto, por aquilo que representavam os jovens de *Orpheu*, tal como se não interessara pelos desígnios dos vanguardistas espanhóis, os poetas-críticos da geração de 27 quase nunca atentaram devidamente em Portugal e na sua literatura, deslocando o centro da sua atenção para o horizonte das leituras francesas ou anglo-saxónicas. Por isso, a presença de Pessoa em Espanha atravessa este período com uma visibilidade muito reduzida, quase figurativa, com a agravante de não ter publicado, até *Mensagem*, nenhum livro independente, além das conhecidas *plaquettes*. A soma é simples: uma única tradução num pequeno diário de província, um mínimo conjunto de referências dispersas por jornais, livros e uma ou outra revista importante, e um poema publicado em português num almanaque literário.

Receção 1936-1961

Os anos imediatamente posteriores à morte de Fernando Pessoa não são pródigos em referências, e temos de aguardar até 1944, em plena época de pós-guerra, para encontrar a segunda tradução para espanhol de um dos seus poemas, quando o também poeta Rafael Morales traduz «Qualquer música» na revista *Garcilaso*. Morales, que também haveria de traduzir Adolfo Casais Monteiro e Fernando Namora na década de cinquenta, torna-se assim no segundo tradutor espanhol de Pessoa e inaugura uma fase de receção do escritor em Espanha que apresenta importantes referências. Assim, resulta muito interessante o facto de as primeiras aproximações críticas à obra pessoana se desenvolverem entre 1945 e 1955, numa década que conhece, pelo menos, três publicações fundamentais para a compreensão do escritor em Espanha, com a curiosidade de estas aparecerem quando a poesia de Pessoa não tinha sido ainda traduzida para castelhano, salvo os pioneiros e tímidos contributos de Buendía e Morales. O papel desenvolvido pelos jovens *presencistas* em Portugal começava definitivamente a dar frutos, e a receção que fizeram do poeta autores como José Régio ou Casais Monteiro não passou despercebida para um conjunto de escritores e críticos espanhóis.

Entre estes, deve destacar-se o papel protagonizado por Joaquín de Entrambasaguas, catedrático de literatura espanhola e diretor dos *Cuadernos de Literatura Contemporánea*. No Suplemento Sexto desta publicação aparece, em 1946 e dentro da série intitulada «Antología de la literatura contemporánea», uma seleção de poemas pessoanos na sua língua original, precedidos por um breve mas interessante estudo interpretativo do professor. Nas onze páginas que antecedem a seleção poética – em que aparecem, por esta ordem, poemas de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos –, Entrambasaguas mostra pela primeira vez ao leitor espanhol, embora sem tradução, uma visão panorâmica das vozes pessoanas, fundamentada na edição que Casais Monteiro publicara em 1945.

A introdução de Entrambasaguas, assinada em Lisboa na primavera de 1946, está repleta de interessantes comentários, mais ainda se tivermos em conta a linha estética dos *Cuadernos de Literatura Contemporánea*, que não se destacavam exatamente pela sua vocação cosmopolita. No entanto, e apesar de alguns fragmentos mais «duvidosos» (como quando refere, sem grandes pormenores, como eventuais precedentes de desdobrimento heteronímico os nomes de Fray Luís de León, Quevedo, Lope de Vega, Gracián, Moratín, Antonio Machado ou Eugeni d'Ors), o texto apresenta não poucas afirmações lúcidas:

Es indudable que de toda la lírica lusitana contemporánea –pese a los destacados poetas con que cuenta– la figura más importante y trascendental es la de Fernando Pessoa.

Otro gran poeta portugués, Adolfo Casais Monteiro, no duda en considerarlo, con Camões, Antero de Quental y Teixeira de Pascoaes, como una de las cumbres de la evolución poética de su país.

En España, por desidia imperdonable, no se conoce la obra de Fernando Pessoa, que abre nuevos horizontes a la poesía de nuestro tiempo. [...]

La poesía de F. Pessoa y sus heterónimos ha sido concebida y creada en una total y genial invención de todo lo humano –infundido de vida por su autor, con un aliento eterno– sin encadenarla a lo transitorio. Así no está sujeta ni al tiempo ni al espacio, y aunque está impregnada de contenido filosófico, su concepción no brota de la vida como consecuencia de ella, sino de la imaginación que la supera.

[...] los poemas que siguen [...] consiguen en todo momento matices de difícil delicadeza y confirman plenamente que Fernando Pessoa, desdoblado y único, a la vez, marca la nueva etapa de la poesía portuguesa contemporánea.

(ENTRAMBASAGUAS 1946: 3-4, 12-13)

Com afirmações como estas começa indubitavelmente a realizar-se uma profunda mudança no paradigma da receção da poesia portuguesa em Espanha, que principia a vislumbrar a possibilidade de Fernando Pessoa arrebatado do seu lugar privilegiado os nomes de Eugénio de Castro e de Teixeira de Pascoaes, os poetas mais valorizados nos meios literários espanhóis.

Apenas dois anos mais tarde, em 1948, Ildefonso-Manuel Gil publica *Ensayos sobre poesía portuguesa*, livro em que dedica um amplo capítulo ao poeta, intitulado «La poesía de Fernando Pessoa». Nas três dezenas de páginas do texto, Gil prolonga a linha interpretativa de Entrambasaguas e concede um papel de destaque ao intelectualismo em Pessoa, optando por não traduzir quaisquer poemas, oferecendo antes uma versão em castelhano da conhecida passagem dirigida a Adolfo Casais Monteiro sobre a génese dos heterónimos. O autor, que também cai na tentação de referir os exemplos de desdobração de Antonio Machado e Eugeni d'Ors, dedica a maior parte do seu trabalho à análise da heteronímia pessoana, citando poemas na sua língua original, para concluir que «pese a cuanto el poeta dijo sobre sus heterónimos, pese a esas diferencias señaladas, toda la obra pessoana, la firmada por él y la de los heterónimos, tiene una indestructible unidad» (GIL 1948: 36).

Já nos anos cinquenta, Charles David Ley não refere o nome de Pessoa no seu interessante *La moderna poesía portuguesa* (1951). O texto mais importante

dessa década é, sem qualquer dúvida, a monografia que dedica ao poeta, em 1955, de novo Joaquín de Entrambasaguas, o qual retoma a sua nota introdutória de 1946 para escrever *Fernando Pessoa y su creación poética*, um volume com mais de 150 páginas que inclui uma «Breve orientación bibliográfica» sobre a poesia do escritor português. O autor do ensaio faz causa comum com Ildefonso-Manuel Gil na sua vontade de divulgar a obra e o nome de Pessoa, apesar de não mencionar as aproximações realizadas, duas décadas antes, por Adriano del Valle (o qual, transformado num dos poetas mais laureados do franquismo, realiza numerosas viagens a Portugal nos anos quarenta e cinquenta) e por Rogelio Buendía, e oferece o diagnóstico exato da situação:

En España, por desidia incalificable, nada se había publicado sobre Pessoa hasta que le dediqué, en 1946, un breve, pero fervoroso estudio.

Algo después, en 1948, el gran poeta aragonés Ildefonso-Manuel Gil escribía sobre Pessoa el primero de sus *Ensayos sobre poesía portuguesa*.

No obstante nuestros esfuerzos, el poeta primerísimo de la poesía contemporánea en Portugal sigue siendo, entre nosotros, punto menos que desconocido, y a procurar evitarlo en lo posible, contribuyendo a su mayor difusión, van encaminadas estas páginas, que hubiera querido para ello de mejor pluma que la mía

(ENTRAMBASAGUAS 1955: 8).

Entrambasaguas finaliza o seu texto, marcado de novo por uma análise fundamentada no carácter abúlico do poeta e no intelectualismo do seu projeto estético, com estas palavras, que expõem claramente a sua preferência pela obra pessoana em relação à de outros seus contemporâneos:

Por eso Fernando Pessoa, profundamente lírico, fabulosamente expresivo, no es sólo el más grande poeta de Portugal en su tiempo y uno de los mejores contemporáneos, sino también, en la poesía universal, el más alucinante ejemplo del fenómeno humano y literario de la creación poética, por la generosidad con que se derrama de su obra y el misterio de esa misma creación. (ENTRAMBASAGUAS 1955: 154).

A partir deste texto, podemos afirmar que a marca de Pessoa dentro do panorama da presença da literatura portuguesa em Espanha principia a trilhar um novo caminho, marcado pela lenta mas progressiva presença de artigos e poemas traduzidos em diferentes revistas. Neste contexto, destaca-se o trabalho de Ángel Crespo, notável tradutor e investigador da obra pessoana, que traduz o poeta em finais da década de cinquenta, com versões de Alberto Caeiro e Álvaro

de Campos, e escreve um lícido artigo sobre Pessoa e os heterónimos (CRESPO 1958: 6). A partir deste momento, Crespo começará a construir, ao longo de três décadas, uma obra considerável de aproximação à literatura portuguesa, através de traduções e estudos. Uma obra à qual não serão alheios, já na década de sessenta, nomes da geração de 27 como Gerardo Diego ou Jorge Guillén, que traduzem alguns poemas de Pessoa (PESSOA 1960; 1967).

Receção a partir de 1962

A década de sessenta assinalou a receção e tradução de Pessoa em vários países hispano-americanos, entre os quais a Argentina (Rodolfo Alonso traduziu uma seleção de *Poemas* em 1962) e, muito especialmente, o México. É no país da América Central que Octavio Paz se torna, nesse mesmo ano, no primeiro autor de uma antologia (PESSOA 1962) verdadeiramente rigorosa da poesia pessoana em castelhano, marco fundamental que contará com uma importante receção em Espanha, graças ao trabalho de seleção e tradução realizado pelo autor de *Los hijos del limo*, que coloca Pessoa no contexto da poesia universal do seu tempo, delimitando com lucidez o lugar que, pouco tempo depois, haveria de começar a ocupar no contexto das literaturas ocidentais. A partir desse momento, poderíamos dizer que tem início a receção *contemporânea* do autor dos heterónimos no contexto da língua espanhola.

Ainda assim, apenas em 1972 se dá o impulso definitivo da obra de Fernando Pessoa entre os escritores espanhóis, aquando da publicação em Espanha de uma antologia da obra do escritor português. O responsável por essa edição bilingue foi Rafael Santos Torroella (PESSOA 1972), abrindo desse modo caminho para que várias outras publicações fossem construindo a imagem do Fernando Pessoa que hoje conhecemos, após o autêntico *boom* que acompanhou a sua figura nos anos oitenta e noventa. De tal modo assim foi que resulta impossível referir aqui a totalidade de tradutores de Pessoa em Espanha nas últimas décadas, bem como as inúmeras referências que a sua figura e a sua obra mereceram entre os escritores espanhóis, dados que servem de significativa amostra do estabelecimento definitivo do escritor português no sistema da literatura espanhola.

Torna-se, porém, necessário enunciar alguns dos protagonistas mais destacados desse tempo em que Pessoa se transforma no referente direto da poesia portuguesa (e, em certo modo, com Saramago, de toda a sua literatura) em Espanha. Assim, a par dos novos empreendimentos de Ángel Crespo (de 1982 é a sua antologia *El poeta es un fingidor* (PESSOA 1982); de 1984 a sua versão do *Libro del desasosiego*

(PESSOA 1984) e os seus *Estudios sobre Pessoa*) (PESSOA 1984), devemos referir o papel desempenhado por José Antonio Llardent (em 1978 publicou uma *Antología de Álvaro de Campos* (PESSOA 1978) e em 1983 compilou uma ampla mostra do poeta, em edição monolíngue em castelhano, intitulada *Poesía*) (PESSOA 1983), Miguel Ángel Viqueira (que em 1981 edita dois volumes de *Obra poética*) (PESSOA 1981), José Luis García Martín (que em 1982 publica *Fernando Pessoa* (GARCÍA MARTÍN 2002), um amplo estudo biográfico e crítico seguido de uma antologia de poemas), Ángel Campos Pámpano (deve-se a ele a provavelmente mais completa e bem sucedida seleção da poesia pessoana, *Un corazón de nadie*) (PESSOA 2001), Perfecto E. Cuadrado (cuja versão do *Libro del desasosiego* (PESSOA 2004) lhe permitiu receber o prémio Giovanni Pontiero de tradução) e outros valiosos tradutores de diferentes facetas da obra do nosso autor, como José Ángel Cilleruelo, Jesús Munárriz, Pablo del Barco, Luisa Trías, Nicolás Extremera, César Antonio Molina, José Luis Jover, Eloy Sánchez Rosillo, Roser Vilagrassa, Enrique Noguera e muitos outros.

Do ponto de vista mais amplo da receção e divulgação, desempenhou um papel essencial a publicação do número que a revista *Poesía* consagrou ao escritor em 1980 (*Poesía* 1980), a qual constituiu um ponto fundamental na expansão da sua obra, assim como o número monográfico da revista *Anthropos* de 1987 (*Anthropos* 1987) que, contando com a colaboração de especialistas espanhóis e portugueses, construiu um importante marco de análise da obra do poeta. Através dos nomes que aparecem nestas publicações, assim como de todos os referidos nestas páginas, Fernando Pessoa é hoje uma presença fundamental no polissistema literário espanhol, objeto de inúmeras citações e referências (inter)textuais.

Desde a humilde tradução que Rogelio Buendía assinou em 1923 até à atualidade passaram noventa anos de receção da obra do escritor e de traduções mais ou menos felizes, que permitiram a Pessoa atravessar um século de vida literária em Espanha e, facto ainda mais importante, permanecer plenamente vivo no mercado editorial atual. Desde os primeiros contactos dos poetas ultraístas até à situação de franca expansão da sua obra que divisamos hoje, passando pelos anos das primeiras traduções dos heterónimos e dos inaugurais estudos críticos, a obra de Fernando Pessoa tem despertado e continua a despertar o interesse de cada vez mais leitores em Espanha. Conforme afirmámos já, todos os dados referidos deverão merecer uma atenção mais pormenorizada no futuro, de modo a mapear o mais completamente possível o terreno do qual estas páginas são tão-somente uma espécie de bússola contra as distrações do tempo.

Referências bibliográficas

- ALONSO ROMO, Eduardo Javier (2007) – «Letras en tiempos de dictaduras (1936-1974)». In Gabriel Magalhães, coord. – *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade*. Salamanca: UBI: Celya, p. 171-202.
- Anthropos*, Barcelona, 74/75 (1987) *Fernando Pessoa. Poeta y pensador, creador de universos*.
- CERDÀ SUBIRACHS, Jordi (2005) – «Apuntes para la recepción de Pessoa en España (1944-1960)», *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, 660 (2005) 53-66.
- CRESPO, Ángel (1984) – *Estudios sobre Pessoa*. Barcelona: Bruguera.
- CRESPO, Ángel (1958) – «Fernando Pessoa y sus heterónimos», *Ínsula*, Madrid, 134 (1958) 6. *Enciclopedia Espasa-Calpe*. Anuario 1935. Madrid, 1935, p. 921.
- ENTRAMBASAGUAS, Joaquín de (1955) – *Fernando Pessoa y su creación poética*. Madrid: CSIC.
- ENTRAMBASAGUAS; Joaquín de (1946) – «Nota preliminar». In Fernando Pessoa – *Poesías*. Selección y nota preliminar de Joaquín de Entrambasaguas. Madrid: CSIC. (Antología de la Literatura Contemporánea, Suplemento Sexto de *Cuadernos de literatura contemporánea*).
- GARCIA MARTÍN, José Luis (1982) – *Fernando Pessoa*. Madrid: Júcar. Conta com nova edição em *Fernando Pessoa, sociedad ilimitada*. Gijón: Llibros del Peixe.
- GIL, Ildefonso-Manuel – *Ensayos sobre poesía portuguesa*. Zaragoza: Heraldo de Aragón.
- GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón (1918) – *Pombo*. Madrid: Imprenta Mesón de Paños.
- GONZÁLEZ-BLANCO, Andrés (1917) – «Teixeira de Pascoaes y el Saudosismo», *Estudio*, Barcelona, 57 (1917) 391-414.
- LAFARGA, Francisco; PEGENAUTE, (2009) – *Diccionario histórico de la traducción en España*. Madrid: Gredos.
- LOURENÇO, António Apolinário (2005) – «A Presença e o “Modernismo” Espanhol: breve história de um grande equívoco». In *Estudos de Literatura Comparada Luso-Espanhola*. Coimbra: CLP, p. 123-138.
- MARCOS DE DIOS, Ángel (1978) – «Carta inédita de Fernando Pessoa a Miguel de Unamuno», *Colóquio. Letras*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 45 (1978) 36-38.
- MOLINA, César Antonio (1990) – *Sobre el iberismo y otros estudios de literatura portuguesa*. Madrid: Akal.
- PESSOA, Fernando (2002) – *Libro del desasosiego*. Tradução de Perfecto Cuadrado; edição de Richard Zenith. Barcelona: Acantilado.
- PESSOA, Fernando (2001) – *Un corazón de nadie. Antología poética 1913-1935*. Tradução, seleção e prólogo de Ángel Campos Pámpano. Barcelona: Galaxia Gutenberg.
- PESSOA, Fernando (1993) – *Pessoa inédito*. Coord. Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte.
- PESSOA, Fernando (1984) – *Libro del desasosiego de Bernardo Soares*. Tradução, organização, introdução e notas de Ángel Crespo. Barcelona: Seix-Barral.
- PESSOA, Fernando (1983) – *Poesía*. Seleção, tradução e notas de José Antonio Llardent. Madrid: Alianza Editorial.
- PESSOA, Fernando (1982) – *El poeta es un fingidor. Antología poética*. Tradução, seleção e notas de Ángel Crespo. Madrid: Espasa-Calpe.
- PESSOA, Fernando (1981) – *Obra poética*. Seleção, tradução e notas de Miguel Ángel Viqueira; prólogo de Gonzalo Torrente Ballester. Barcelona: Libros Rio Nuevo, 2 vol.
- PESSOA, Fernando (1978) – *Antología de Álvaro de Campos*. Introdução e notas de José Antonio Llardent. Madrid: Editora Nacional.
- PESSOA, Fernando (1972) – *Poemas escogidos*. Versão e prólogo de Rafael Santos Torroella. Barcelona: Plaza&Janés.
- PESSOA, Fernando (1967) – «Pecado original» Álvaro de Campos; «Cansa sentir cuando se piensa» Fernando Pessoa (tradução de Jorge Guillén). In *Homenaje*. Milán, 1967.
- PESSOA, Fernando (1962) – *Antología*. Seleção, tradução e prólogo de Octavio Paz. México: Universidad Nacional Autónoma.
- PESSOA, Fernando (1960) – «El monstruo» (tradução de Gerardo Diego). In *Tántalo. Versiones poéticas*. Madrid: Agora.
- PESSOA, Fernando (1946) – *Poesías*. Selección y nota preliminar de Joaquín de Entrambasaguas. Madrid: CSIC. (Antología de la Literatura Contemporánea, Suplemento Sexto de *Cuadernos de literatura contemporánea*).
- PIZARRO, Jerónimo (2010) – «Otros vestigios». In Antonio Sáez Delgado; Luis Manuel Gaspar, ed. – *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre Portugal y España 1890-1935*. Madrid: SECC/MEIAC, vol. 1, p. 241-245.

Poesia, Madrid: Ministerio de Cultura, 7/8 (1980) *Pessoa en palabras y en imágenes*. Coord. José Antonio Llardent.

SÁEZ DELGADO, Antonio (1999) – «*Inscriptions*. Rogelio Buendía, primer traductor español de Fernando Pessoa», *Ínsula*, Madrid, 635 (nov. 1999) 2-3.

SÁEZ DELGADO, Antonio (2000) – *Órficos y Ultraístas. Portugal y España en el dialogo de las primeras vanguardias literarias*. Mérida: ERE.

SÁEZ DELGADO, Antonio (2002) – *Adriano del Valle y Fernando Pessoa (apuntes de una amistad)*. Gijón: Llibros del Pexe.

SÁEZ DELGADO, Antonio (2011) – *Fernando Pessoa e Espanha*. Évora: Licorne.